



A CATHEDRAL DE BEAUVAIS.

BEAUVAIS é uma cidade de França, capital do departamento de Oise, situada sobre o pequeno rio Therain em um valle rodeado de montes cobertos de bosques. No assento occupado

ABRIL 30 — 1842.

2.<sup>a</sup> SERIE — VOL. I.

hoje por Beauvais estava em tempos mui remotos uma cidade, mencionada nos *Commentarios* de Julio Cesar com o nome de *Cæsaromagnus*, que depois mudou para o de *Bellovacum*, derivado de um povo belga, os bellovacenses, que a habitaram. Foi tomada e saqueada pelos normandos em 850; igual sorte experimentou em outros periodos, e póde gabar-se que poucas povoações terão soffrido tantas calamidades e incendios: todavia é seu brasão ter sustentado dois cercos formidaveis sem render-se. O primeiro foi em 1443, quando os heroicos esforços de João Siguière rebateram a força ingleza; o segundo em 1472, tendo-a sitiado estreitamente, mas de balde, com oitenta mil homens o guerreiro e contumaz Carlos *temerario*, duque de Borgonha: nesta occasião as mulheres de Beauvais, capitaneadas por Joanna Hachette, juntaram-se á guarnição e pelejaram com extraordinaria intrepidez: a heroína, n'um recontro, apossou-se do estandarte que um inimigo estava a ponto de arvorar sobre as muralhas, e arrojou o soldado para o fosso: os sitiadores tiveram de retirar-se. Até a epocha da revolução franceza celebrava-se annualmente o anniversario desta gloriosa defensão, fazendo-se uma procissão em que as mulheres tinham o primeiro lugar no prestito.

A precedente gravura dá idéa da frente meridional da sé de Beauvais; esta igreja é o principal, e talvez unico, ornamento architectonico da cidade. Foi começada em 1391: é mui notavel pelo seu côro, considerado como obra prima de estylo gothico, sendo para admirar tanto a sua elevação e largura, como a delicadeza do trabalho e a disposição acertada das abobadas e obras exteriores: tem dez pilastras por lado, e é guarnecida de capellas: o pavimento do sanctuario, ou ambito da capella-mór, é calçado de marmore. Edificio de tão magnifico projecto nunca chegou a concluir-se: a nave está incompleta, nem apparecem as torres dos sinos, comtudo alguns, e não pequenos, que a igreja possui, estão collocados em um campanario provisório alguns passos distantes da principal entrada. Proximo á cathedral ha quatro collegiadas; igrejas pequenas que se nomeiam as quatro filhas de S. Pedro, a cujo apostolo é dedicada a sé. O frontispicio, dado em a estampa, não póde ver-se senão de uma rua estreita que lhe fica em frente; porem as suas magnificas medidas e complicados adornos offerecem boa amostra da architectura ecclesiastica em França.

Fóra a cathedral poucos edificios ha dignos de nota em Beauvais. A casa do municipio é uma excepção, por ser de boa fabrica; ha

nella um painel da famigerada acção de Joanna Hachette. Ha tambem um hospital amplo, collegio, bibliotheca publica de 6:000 volumes, gabinete d' historia natural, e sala para as exposições industriaes e de bellas-artes. Algumas manufacturas consideraveis, principalmente de tapeçarias, sarjas e pannos, geram um commercio bastante activo. A povoação é de 12:800 almas. A situação não é desagradavel; mas a cidade em si não offerece attractivos: as casas pelo commum são de madeira, circumstancia que motiva a frequencia dos incendios, a que acima alludimos: as ruas são um tanto largas, e sobre a cerca amuralhada ha *courças* ou passeios apraziveis bem plantados d' arvores copadas.

#### MOSTEIRO DE BELEM.

##### 11.º

EXTENSA em demasia chegou aqui a descripção, e somos os primeiros a confessar que mais miuda e artistica do que litteraria e amena — mais exacta do que variada no estylo e limada na frase. — Iamos escrevendo e dando para a impressão a colheita de cada visita que faziamos ao convento e que fornecia as idéas para um capitulo. Na undecima começámos por voltar ao meio do jardim, e dahi examinámos em derredor o que assim melhor poderíamos descrever.

Cada um dos grandes pilares dos claustros tem uma gárgula no nivel do andar de cima, e exceptuando os dos angulos sustentam todos os outros vinte — seu nicho com uma estatua. — O numero dos arcos da segunda ordem é igual ao da debaixo: porem as archivoltas são recortadas.

Aos pilares inferiores respondem tambem outros tantos de base circular estriados em rosca, tendo em cima acroterios correspondentes ao seguimento da platibanda do terraço; mas sem figuras: — sobre o do meio, ao lanço septentrional, fica actualmente um relógio de sol. Nestes acroterios veem-se carrancas e biqueiras donde tem sabida as aguas do eirado superior que agora se forra de asphalto. —

Por uma porta correspondente á da entrada principal em baixo se passa do claustro superior para a grande *Sala dos reis*, á qual se chega tambem pela grande escada principal mais moderna. Tem a dita sala dos reis o tecto de madeira, e chama-se assim por conter os retratos de todos os reis de Portugal até o Sr. D. João 6.º em corpo inteiro; e igualmente entre copias dos retratos das duas rainhas, que mencionamos existirem na aula de dese-

nho, um quadro do Sr. Señdim representando o Duque de Bragança conduzindo pelo braço a Rainha sua filha e S. M. I. sua esposa. Os retratos mencionados até D. João 3.º foram copia de outros em meio corpo, vindos, por dadia, de um dos antigos paços reaes. Estes ultimos ahi se conservam pelas paredes de um corredor das nobres casarias do *noviciado* ou *hospedarias* que ficam por cima do refeitorio.

Visinha á Sala dos reis e sobre a capella dos Passos ha uma casa que servia de antecôro, na qual se guardam, amontoados no chão, os retratos em corpo inteiro dos principaes religiosos da ordem de S. Jeronymo em virtudes e lettras, mencionados no Diccionario Geogr. do padre Luiz Cardoso [V. Belem], cuja descripção tem servido de base a trabalhos posteriores. — Entre os por elle nomeados distinguimos os dos celebres escriptores D. Fr. Braz de Barros e Fr. Heitor Pinto, que ahi poderia copiar quem os quizesse dar á estampa como era de justiça. — Parece-nos todavia que estes quadros [que nem fazem parte da igreja, nem são necessarios aos alumnos] deveram passar á Academia de Bellas Artes, a quem toca exigi-los, para os salvar na sua collecção d'algum vandalismo. —

É tempo de acabarmos com a parte descriptiva. Só por despedida olharemos para dois hediondos carões acobreados que se acham em nichos aos lados da portaria, mostrando-se para metter nojo aos entendidos, medo ás crianças, e curiosidade a mentecaptos. Leem-se por baixo duas inscripções latinas, as quaes dizem que um dos brutos representa Hercules e outro Julio Cesar. Só a leigos de sacola seria tolerado o consentir taes papões para ver se negoceavam ás esmolas; mas foram frades Jeronymos, que viviam n'um mosteiro todo artistico, quem alli os mandou pôr, disfarçando tanta vergonha com a tradição de que os taes monstros tinham sido achados n'um entulho. — Acredite-o quem quizer, mas não nos defendam a propriedade da boa collocação de taes bustos hórridos, ao pé de uma portada magnifica.

Duas palavras para acabar. O sentimento profundo que se apossa de quem contempla este grande monumento levantado aos olhos dos navegadores portuguezes que illustraram o mundo com tanto esplendor e riqueza, e a estatua do infante D. Henrique avultando no meio do quadro mais aparatosa que todas as obras fazem achar propriedade na applicação que ao edificio se lembrára de dar uma intelligencia superior, — essa mesma que hade passar á posteridade com o mestre de Sagres,

a cuja memoria mandou nesta praça levantar um padrão, — a de perpetuar este monumento as gloriosas recordações maritimas passadas, dando-lhe actualmente a seguinte applicação maritima. «Fundar ahi uma eschola para a prática da navegação e um hospital de maritimos invalidos e benemeritos, e aproveitar das suas abobadas para ahi collocar, presididos pelo infante D. Henrique, os bustos de todos os heroes portuguezes que se illustraram na Asia, na Africa e na America.»

12.º

#### A CASA PIA.

Não poderiamos hoje dar por concluida a relação do mosteiro de Belem se não aditáramos algumas informações ácerca de um dos mais beneficos estabelecimentos existentes nesta capital, ao qual foi cedido aquelle edificio por decreto de 28 de dezembro de 1833, e que actualmente o occupa. Presâmos a oportunidade de fallar da instituição da Casa Pia, que destinada principalmente ao amparo e educação dos orfãos desvalidos, é dos institutos devidos á illustração moderna. Aos annos de 1780 remonta apenas a sua origem — quando foi estabelecida no castello de S. Jorge. Tendo sido abolida pelos invasores francezes foi restaurada no convento do Desterro em 1811, onde esteve até á ultima mencionada transferencia. Encarregado nesta ultima epocha o Sr. A. Maria Couceiro da administração da Casa, tratou logo de fazer appropriar o antigo convento ao seu novo destino, evitando comtudo que se fizessem nelle mais deturpações, antes procurando reparar ou disfarçar quanto possivel algumas já existentes. — Fez desmanchar varios frontaes e tabiques modernos, conservando-os n'um só lanço no claustro inferior, e em todos no andar de cima, [cuja cantaria está infelizmente toda caiada] por serem assim necessarios para o arranjo dos dormitorios ou camaratas dos alumnos, mandou fazer alguns rasgamentos no interior, e esmerou-se em que os encanamentos se aperfeiçoassem e houvesse no edificio aguas bem repartidas e com abundancia: e preparava-se a receber maior numero de alumnos, quando o decreto ultimo para a reorganisação do estabelecimento fixou em mil o numero dos orfãos comprehendendo quatrocentos do sexo feminino. Depois em 15 de fevereiro de 1834 foi anexado a este o instituto dos surdos-mudos, que antes regia no lugar da Luz o filantropo sueco — o coronel Borg, falecido depois dos acontecimentos de julho de 1833 por occasião que ia desta capital como parlamentar ao duque de Cada-

val. A administração da Casa Pia foi em 1836 confiada ao defuncto J. F. Pinto Basto, e depois passou á commissão administrativa a cargo da qual ainda subsiste.

Em todos estes ultimos mezes o numero dos alumnos tem sido de quinhentos e vinte e tantos, dos quaes metade menores de doze annos, — entrando porem naquelle numero alem dos orfãos uns treze surdos-mudos, e quarenta alumnos pensionistas. — O numero das orfaãs tem orçado por trescentos e oitenta, contando seis surdas-mudas, sendo daquelle numero metade maiores de quinze annos. — Estão os alumnos divididos em 6 collegios, alem do dos mudos; e as orfaãs em nove. Ensina-se áquelles não só a lèr e escrever; mas conforme as aptidões o desenho, a musica, as linguas, e até passam dahi ás escholas superiores, como a polytechnica e a de cirurgia; porem o maior numero dedicam-se aos officios de çapateiro, alfaiate, tecelão, samblador, carpinteiro, latoeiro, &c. Ás orfaãs ensina-se segundo as suas propensões, alem das primeiras letras [e a algumas musica e desenho] — os trabalhos do seu sexo, como fiar, fazer meia, cozer, bordar, lavar e engomar, tecer, cosinhar, &c. e os officios de alfaiate e çapateiro. — Nas officinas são só admittidos a aprender os alumnos internos; porem as aulas são publicas, e sugeitas as cadeiras de latim, latinidade, grego, philosophia á direcção geral dos estudos, bem como o é a de ensino mutuo, cuja casa d'aula feita de novo, proximo ao lanço do claustro que fica para o norte, póde admittir 500 alumnos. — Tem 152 palmos de comprido e 45 de largo, com sete janellas para cada lado de nascente e poente, e uma tribuna de tres arcos sobre a porta, em toda a largura, do lado da entrada. — Passa por uma das melhores deste genero. —

Quanto ás officinas é nellas que se fazem quasi todas as obras da casa. Os tecelões fabricam não só os pannos d'algodão riscado para os vestidos e cubertas da cama, toalhas de mesa dos orfãos de um e outro sexo, como até objectos para a venda. O calçado dos orfãos tambem não vai fóra a fazer nem a concertar, e a roupa toda é lavada pelas orfaãs. — As officinas de latoeiro, ferreiro e serralheiro tem por sua conta toda a obra necessaria á illuminação da cidade. — A comida é a mesma para um e outro sexo; tem almoço, jantar e cêa; e regula-se por 72 réis o gasto diario de cada alumno. — Muito deve a casa em economia ao desinteressado zêlo dos illustres membros da actual commissão administrativa, e á probidade e cuidado do actual director.

Não entraremos em mais particularidades. — Aproveitámos o essencial para dar idéa de um dos estabelecimentos de educação mais regulares do paiz, do qual muita vantagem se poderia colher, insistindo-se antes em promover e aperfeiçoar o ensino das cousas em que este reino se acha atrazado em comparação das outras nações europeas. Uma eschola agricola e florestal, tão sómente na parte pratica, teria todo o logar — tendo o edificio tão boa cêrca para se exercitarem. — Aqui se poderiam crear bons caseiros, que com os primeiros rudimentos das lettras e destes conhecimentos especiaes se espalhariam com vantagem pelas provincias. — Os officios de encadernador e entalhador, ainda que demasiado communs em Portugal, podiam tambem dahi receber um reforço ao seu aperfeiçoamento. — A gravura de madeira conviria talvez introduzir-se. — Para as orfaãs ha quem diga que devêra a educação ser menos mimosa do que é: tem-se observado que com raridade se tira dahi uma boa criada de servir. — Tambem lembraremos a respeito dos alumnos, tanto orfãos como educandos á sua custa, o pouco cuidado que se tem dado á gymnastica, — muito principalmente á natação estando o mar tão perto, e sendo este exercicio tão conveniente para a saude e aceio, e até muitas vezes para a vida. São estas nossas lembranças, nascidas de bons desejos; e não de que deixemos de reconhecer vantagens na educação que se dá neste estabelecimento ainda para os que fossem destinados a mais elevadas funcções; e pela nossa parte não duvidámos de recommendar a muitos pais de familia que não se pejem de fazer aqui educar como pensionistas os seus filhos, no que ganharão sobre os outros collegios em economia, e a quasi todos levarão vantagem de ser a educação menos vaidosa e mais propria para o homem que hade entrar no tormentoso pelago do mundo sem outros recursos alem da sua actividade; afim de que não se veja completamente estranho aos primeiros contratempes e revezes da sorte, como quasi sempre succede aos que educados até aos 14 annos em mestras de meninas passam dahi á tutela de um pedagogo, que para gozar a pensão pecuniaria os amima e os perde fazendo-lhes todas as vontades. — A educação em commum leva a vantagem de dar aos alumnos uma primeira idéa do que são os homens, este mundo e a sociedade.

#### ERRATA.

No art. 8.º pag. 131 col. 2.ª lin. 13 leia *D. Theodosio* onde diz *D. Rodrigo*.

## DA INDUSTRIA.

*Considerações geraes sobre a sua utilidade.*

A PRODUÇÃO abundante das cousas necessarias á vida humana é um dos meios de felicidade para o estado social. Esta abundancia torna facil e suave a existencia da grande massa da sociedade, que não possui riquezas, que vive do trabalho, e que supporta o peso do dia, do calor, e das intemperies.

Todos os governos tem já mais ou menos applicado suas vistas para animar este ramo essencial da subsistencia dos homens, como da riqueza publica: e seus esforços e seu zelo tem igualmente já feito maiores ou menores progressos. As fomes antigamente tão communs, que vinham de tempos a tempos dizimar, e ás vezes arrebatam metade da população, estão quasi absolutamente desterradas para as negras paginas da historia do passado: e a peste sua companheira, filha ignominiosa da immundicie, e da falta de limpeza em geral, já não obriga a desamparar o tecto natal, e a ir peregrinando buscar um mal seguro asylo nos campos e nas aldêas. O preço dos salarios tem dobrado d'um seculo para cá, sem que o preço do pão tenha sensivelmente augmentado; diminuido muito o do vestido. De todas as artes é sem duvida a agricultura a primeira de todas; é ella a que alimenta e nutre o homem e os animaes domesticos que o servem; que produz as materias primeiras necessarias para o vestido, para o commodo, e para o luxo; é ella que fornece o trabalho a quatro quintos da povoação.

Depois della seguem as artes que extrahem da terra as riquezas mineraes, o combustivel, o ferro, e todos os metaes, e que os preparam para milhares de misteres e usos. Seguem-se aquellas que tirando partido destes productos do solo, ou fosseis, ou apparentes, os preparam, os combinam, e os confeccionam para o consummo, quadruplicando muitas vezes o preço por meio de suas habéis mãos.

Mas o progresso nas artes não saberia viver insulado: ellas marcham a par, e se ajudam reciprocamente. A agricultura não poderia prosperar só sem o progresso paralelo das outras artes industriaes; sem estas não teria consumidores, e até ella careceria de muitos artigos de consummo; pois são indubitavelmente os agricultores os que precisam da maior quantidade de productos industriaes. Por falta de conhecer-se e apreciar-se devidamente este grande principio, querendo-se promover uma á custa das outras, é que alguns falsos economistas, homens d'Estado de curtas vistas, de-

pois de terem empregado esforços e cabedacs, viram essas artes suas apaixonadas tornarem-se estacionarias, e cahirem por fim em ruina total quando se lhes retirava o monopolio.

Estes principios hoje em dia são triviaes porque a Economia Politica tem sido ha annos do gosto do seculo. Os homens porem convencem-se melhor com os exemplos do que com o especulativo; e elles tem rasão nas cousas que dependem da pratica. O exemplo d'Inglaterra é talhado para fazer grande impressão. Esta potencia que ha menos de dois seculos não tinha importancia alguma politica, que vegetava n'um estado estacionario, limitada á superficie do seu solo mal partido, e por isso mesmo mal cultivado, com uma tal qual industria rotineira, com alguns barcos de pesca, e poucos navios, elevou-se rapidamente a um gráu de opulencia e de poder que não tem exemplo nos annaes do mundo; porque não foram as conquistas e a força militar que o fizeram, como succedeu no imperio romano, e no grego, momentaneo, d'Alexandre Magno. E a que se deveu tudo isto? Á sua industria, e por ella á sua marinha.

Encontrâmos, em um escripto de Mr. Malouët intitulado = Administração das Colonias, = em Paris an. 10 da republica, retratada esta estupenda metamorphose, e sua origem e resultados em curto periodo, e com traços tão energicos que merecem a pena de transcreve-los. = Tudo estava languido na Inglaterra, diz este escriptor, até ao tempo que da ruina das cidades anseaticas tirou ella o estabelecimento de suas manufacturas. Apenas teve artifices, *prohibiu a sahida das materias primeiras*: e não tendo azeite, sal, vinho e seda, só as *fabricas de laã e de quinquilharia* lhe augmentaram a *população*. Da população prœcedeu melhorar *sua cultura* pelo augmento dos *consummos*. Então e já no meio do progresso, para o accelerar, *diminuiu a importação estrangeira*. Recebe sim de fóra todas as *materias primeiras em crú*, mas *prohibindo todos os artefactos estrangeiros*; e dando *gratificações* aos seus navios e exportadores para animar a sahida dos seus. Fez o chamado *Acto de Navegação* para diminuir o importar; — prohibe as minas de carvão ao pé da capital para augmentar os navios e barcos de transporte; — funda colonias para ter onde vender; — e prohibe o accesso dellas aos estrangeiros: — prohibe a sahida dos grãos ainda quando são abundantes; e quando a concorrência dos que lhes vem do Norte ameaça paralisar o valor rasoavel dos seus, ou modera a entrada, ou a suspende: — dá *soccorros pecuniarios* ás manufacturas, aos estaleiros, ás caudelarias; —

e multiplica escriptorios, feitorias, pescarias, navios. Administração sempre attenta sobre todos os ramos, e infatigavel. O exemplo em contrario é Hespanha e Portugal. =

Nós possuímos com grande satisfação copia d'um relatorio ou memoria do marquez de Pombal em que este vigilantissimo ministro descreveu os melhoramentos operados no tempo da sua administração, a que deu o nome d'*inspecções*, das quaes a 5.<sup>a</sup> é consagrada ás manufacturas e artes. Aqui a damos em summa-rio para conhecer-se o estado de decadencia a que tinha chegado este ramo de riqueza, pela confrontação das creações feitas no seu tempo. Eis como elle se explica. =

O testamento politico de Richelieu, e de Colbert haviam dito muito bem que a industria era o meio de fazer um Estado rico: as queixas da casa dos Vinte-e-quatro mostravam o estado deploravel das artes em Portugal. Cuidou-se portanto em restabelecer as fabricas:

1.<sup>o</sup> De lanificios; com as providencias que se deram para as fabricas da Covilhaã, Pinhel, e Castello Branco.

2.<sup>o</sup> Das sedas; que havendo sido fundada nos suburbios do Rato, foi reanimada com os estatutos de 6 d'agosto de 1757, decretos de 2 d'abril do mesmo anno, 30 d'abril de 1760, 3 de março de 1761, e de 3 d'abril de 1763.

3.<sup>o</sup> De chapéus; pelos alvarás de 7 d'agosto de 1767, 10 de dezembro de 1770, estabelecidas em Lisboa, Elvas, Porto, e Pombal; com o que se lucrou a arte de chapeleiro, que cá não havia, assim como com a das sedas se evitou que se comprassem em Leão de França.

4.<sup>o</sup> De meias de seda; os inglezes tinham comprado os teares que restavam, e no seu paiz pozeram pena de morte a quem tirasse para fóra qualquer peça pertencente a esse fabrico. Mandaram-se vir de varias partes mestres serralheiros estrangeiros que as fundiram, e ensinaram a fazer.

5.<sup>o</sup> Das caixas de tabaco, e de diches d'ouro, e de tartaruga, que antes nos vinham de Paris.

6.<sup>o</sup> De vernizes de Martim; o que se conseguiu com a gomma copal, pelo alvará de 10 de dezembro de 1770.

7.<sup>o</sup> De bolas de marfim; manufacturando o que nos vinha d'Angola.

8.<sup>o</sup> Das rendas de seda crua, chamadas *blondes*, que até-li vinham de França; estabeleceram-se em Setubal.

9.<sup>o</sup> A dos vidros; com isso nos libertámos do que vinha de Veneza e de Bohemia.

10.<sup>o</sup> A de botões, e quinquilherias.

11.<sup>o</sup> A de louça de fayança; estabelecida na olaria da praça do Rato; prohibindo-se portanto as louças estrangeiras.

12.<sup>o</sup> A de refinaria do assucar; pelos alvarás de 13 de janeiro de 1753, e de 7 d'abril de 1770.

13.<sup>o</sup> A de serralheria e tórno; nas officinas do Rato, e Pernes; com o que quebrámos a dependencia d'officiaes estrangeiros d'estes officios.

14.<sup>o</sup> A do desenho, e esculptura; erigida na casa do Risco apesar da opposição que fizeram os fautores dos italianos.

15.<sup>o</sup> A das pescarias de Monte-gordo no reino do Algarve.

16.<sup>o</sup> A da pescaria das baleas, nas costas do Brasil, e Rio de Janeiro.

17.<sup>o</sup> E ultimamente a maior de todas, a do Arsenal; em que se fundiu e fabricou artilleria, e tudo o mais necessario para fornecimento do exercito. Sendo digno de notar-se que todas as outras manufacturas se estabeleceram, e entretiveram sem despeza do erario, mas somente com subsidios da junta do commercio a quem para isso se consignou o privilegio da gomma copal. Dentro de poucos annos sahiu da fundição de Lisboa a estatua equestre, que fez espanto e admiração aos estrangeiros ao inaugurar-se em 6 de junho de 1775.

J. da C. N. C.

#### ESTATISTICA.

##### *Productos comparados do solo em França e em Inglaterra, nas suas relações com a população.*

ESTE artigo, que extrahimos d'uma das obras periodicas mais acreditadas em França do anno de 1833, pareceu-nos vir muito a proposito aqui quando nos occupámos de ponderar a influencia da agricultura sobre a povoação. Os exemplos demonstrando melhor que os preceitos, neste verão nossos leitores o resultado admiravel e transcendente da boa cultura. Eis-aqui o que diz o auctor.

= Segundo os dados officiaes publicados nos dois paizes observa-se que em França ha o numero de 27:400 legoas quadradas consagradas á agricultura, e que sómente 13:396 o estão na Inglaterra, onde a multiplicidade dos parques, ordinariamente mui extensos, subtrahе á cultura uma porção consideravel de terreno. De maneira que, as terras que a Inglaterra póde destinar á agricultura não chegam a igualar em extensão metade das que effectivamente cultiva a França. Pois apesar disso o producto naquella é n'um septimo mais consideravel do que nesta. Ora sendo a qualidade das terras a mesma, para assim dizermos, nos dois paizes; sendo o solo da França melhor e

mui favorecido do clima ao menos no meio dia, segue-se evidentemente d'aqui que a sciencia agricola é muito mais bem conhecida em Inglaterra do que na França. As causas principaes desta immensa vantagem são as seguintes.

1.º Uma circulação activissima procedida da abastança geral que occasiona um grande consummo.

2.º Um capital consideravel applicado á agricultura, e alem disto um systema excellente de credito, que permite aos proprietarios, e rendeiros procurar da mesma fórma que os negociantes e empresarios os capitaes necessarios aos melhoramentos agricolas, e esperar o tempo favoravel da venda de seus productos.

3.º A perfeição, e multiplicidade das vias de communicação, ou sejam estradas e caminhos ordinarios, ou canaes de grande ou pequena navegação.

4.º Os conhecimentos e gosto dos grandes e pequenos proprietarios pela agricultura; os aperfeiçoamentos, e melhoramentos resultantes daquelles; e a instrucção e capacidade dos arrendatarios, e cultivadores.

Quando alem do calculo comparativo acima da quantidade de terreno cultivado n'uma e n'outra Potencia, extendemos o exame, e des-cemos a outras confrontações, as vantagens da Inglaterra são ainda mais espantosas; v. g. na Inglaterra e Escocia contam-se 589:384 proprietarios e arrendatarios de terras. Juntando mais um terço para a Irlanda [o que é demasiado], e calculando 5 pessoas para cada familia, o numero total das pessoas dedicadas á agricultura não chega a 4:000:000 d'individuos que é quasi um quinto da população total dos tres reinos.

Pelo contrario em França, que se contam 4:833:000 proprietarios, rendeiros, e cultivadores os quaes a 5 pessoas por familia fazem um total de mais de 24:000:000 d'individuos; isto é, quasi quatro quintos da nação se occupam na agricultura.

Deste estado de cousas resulta que na Inglaterra se obtem pelo trabalho d'um quinto da nação com metade menos de terreno, o mesmo producto, ou ainda superior, que em França exige quatro quintos da povoação. Resulta em segundo lugar que nos tres reinos unidos os quatro quintos restantes ficam disponiveis para as manufacturas, para o commercio, para a navegação, e para as outras profissões todas, em quanto a França não póde empregar em tudo isso mais do que o quinto.

Este exemplo, e as ponderações que d'elle resultam servem tambem para demonstrar a

veracidade e exactidão dos corollarios seguintes:

1.º Que a população tanto póde provir da agricultura, como da industria, como do commercio.

2.º Que a população é um objecto secundario para as riquezas do Estado: uma numerosa familia de pobres não sabe nem póde produzir riqueza.

3.º Que para fazer uma idéa justa da população d'um paiz não basta contar o numero dos habitantes que occupam certo territorio: é preciso saber que vida tem, em que occupações se empregam; e fixar as causas que a promovem ou diminuem.

4.º Que a divisão das terras e a communicação da propriedade do solo distribuida pelo maior numero possivel, sendo um dos meios ordinariamente inculcados de povoar e cultivar, é maxima muito boa nos paizes naturalmente agricolas, isto é, naquelles em que a agricultura é a base preponderante: na Inglaterra fica demonstrado que ali não é essencial, porquanto não ha na Europa paiz de uma maior desigualdade de propriedade. Lá a população provem principalmente das duas causas apontadas no 1.º corollario em ultimo lugar.

#### PENSAMENTOS SOBRE OS TRIBUTOS.

O QUE são os tributos, taxas, ou impostos?.. A quantia paga pela nação para occorrer ás despezas do governo.

As despezas do governo são ou devem ser feitas attendendo-se ao mesmo tempo ao interesse geral de todos e ao particular de cada individuo: logo todos devem pagar impostos: mas em que proporção?... Cada um em rasão dos gozos e vantagens que o governo lhe segura; n'uma palavra, em rasão dos seus bens ou propriedade de qualquer natureza que seja. É esta uma verdade geralmente reconhecida desde que nas instituições politicas foi inscripta a igualdade dos direitos e dos encargos. — Mas sobre que parte dos haveres de cada um deve levantar-se o tributo?... Unicamente sobre os rendimentos e nunca sobre o capital. — Expliquemo-nos. — O imposto é destinado a ser gasto, isto é, consumido em productos de diversa natureza, em salarios dos empregados publicos, pensões alimenticias, bastecimentos e munições de toda a casta: não deve portanto extrahir-se senão dessa parte da riqueza geral, que póde ser despendida sem esgotar os mananciaes da producção, sem diminuir a faculdade reproductora, sem atenuar o capital da sociedade: logo hade ser lançado exclusivamente sobre os rendimentos:

porque, se o imposto, passando além das rendas, acomettesse o capital, os instrumentos essenciaes da producção, veria o paiz decrescer annualmente a sua força productiva, e caminhará á sua ruina completa. — Em todas as epochas e nos differentes povos, a experiencia confirmou este principio: em Roma, dominando os imperadores; na Hespanha, depois do descubrimento da America; em França, nos reinados de Luiz 14.<sup>o</sup>, Luiz 15.<sup>o</sup>, e durante os ultimos annos da republica, a imposição lançada sobre os capitaes fez necessaria a miseria, provocou inauditos soffrimentos. — Os povos, como os particulares, não podem gastar mais do que tem de renda; e isto prova que das rendas é que o imposto deve sahir. — Offerece-se porem outra questão: — qual será a parte do rendimento que o governo póde exigir de cada um sem obstar ao augmento da riqueza geral, sem paralisar a producção?... Considerando a renda como lucro da producção, como o ganho quotidiano ou annual do productor, ou, por outros termos, a faculdade adquirida por um individuo, em virtude de qualquer trabalho, de consummir sem prejudicar a sua força productiva ou o seu capital; é facil determinar, não a parte absoluta que o governo póde exigir de cada um; o que é uma questão politica; mas aquella parte que elle póde tomar sem offender o incremento da publica riqueza, sem entorpecer a producção; o que vem a ser uma questão economica. — Nem todos gozam rendas; o operario que não ganha senão para occorrer ás suas immediatas precisões e ás da sua familia não tem propriamente rendas; parece portanto que não tem que pagar impostos. E se lhos fizerem pagar, o que acontecerá?... Não só o *capital vivente* da nação minguará, porque a miseria e o soffrimento tem esses resultados, mas tambem o desgraçado obreiro nunca poderá parar para resfolgar, nem juntar, se tanto lhe fosse dado, para a idade provecta. — O que obtem um certo rendimento liquido não póde, como todos sabem, da-lo inteiramente ao governo: porque se o fizer ou for compelido a isso, não se achará com igual força creadora no anno immediato, nem apesar dos seus esforços, talento e bom exito, accrescentará um ceutil á producção nacional. Se o total da renda liquida dos particulares for absorvido pelo governo, todo o progresso é impossivel, toda a tentativa de augmentar a riqueza social será uma rematada loucura.

O imposto nem deve recahir sobre o necessario, que não é renda, nem sobre a porção desta, destinada a entreter e a renovar a mobilia industrial e agricola da nação: portanto

não deveria pesar senão sobre aquella porção que os particulares destinam a seu fausto, a seus regozijos, a seus prazeres. — Eis o que diz a sciencia especulativa, ensina a pratica, e prescreve a logica. Mas, do que deve ser ao que é vai muito. Não é segundo a conta, que os povos dedicam a seus folgaes e sobejas commodidades, que se lançam os tributos; porem conforme as precisões dos governos; não é segundo o que as nações podem pagar sem ruina propria, mas conforme a faculdade de consummir que teem os governos. — Deveria porem a sciencia economica, assentada em invariaveis principios que a experiencia sanciona, dirigir este lançamento, e não a instantanea ou mudavel precisão, causadora pelo ordinario de insanaveis desordens.

*Principios Geraes de Musica, do Sr. Joaquim Rossini, traduzidos pelo Sr. Manuel Joaquim dos Santos, professor de musica. — Lisboa 1842 — uma broch. lithographada.*

A MUSICA é uma especie de linguagem intelligivel para todas as nações, por tal modo que, segundo diz o celebre Metastasio, leva tanta vantagem sobre a poesia quanto uma lingua universal sobre qualquer idioma particular, porquanto este se falla e é entendido tão sómente em certos paizes ou em certa epocha, e aquella é de todos os tempos e de todos os povos. — A musica é uma arte nobre e agradavel, é uma prenda, que, ou estudando-a ou desempenhando-a, occupa suavemente algumas horas da vida; e possui o singular privilegio de servir de satisfação a quem a exercita e ao mesmo tempo de grandissimo recreio aos que a ouvem. Um quadro verdadeiramente só causa praser a quem o contempla, depois de completa de todo a tarefa do artifice; porem a musica regozija a todos na occasião em que o professor ou perito curioso põe [desculpe-se nos a phrase] *em movimento as sublimes concepções do genio*: a musica não está confinada em um só lugar, reproduz-se em toda a parte e repete-se quantas vezes quizermos. Nada mais diremos sobre dom tão precioso, que parece fôra por anjos communicado aos homens; porque deixámos tecido o seu justo elogio a pag. 148 do volume 5.<sup>o</sup>

Para diffundir o gosto pela musica não são necessarias dissertações; cumpre porem facilitar o seu estudo e ensino expondo com o melhor methodo e conveniente simplicidade os seus inalteraveis preceitos: para este fim nos parece mui adequado o folheto, que acima mencionamos, e que tem o nome do Sr. Rossini por seguro abonador.